

NATHALIA TEIXEIRA GNUTZMANN E ADRIANE BORDA

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Nathalia Teixeira Gnutzmann

Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas – UFPel (2020), na área de concentração em Arquitetura, Patrimônio e Sistemas Urbanos, com a dissertação – Do conceito à forma: um olhar pelo viés da Gestalt e da geometria sobre o projeto do Museu Militar de Dresden. Arquiteta e urbanista graduada pela UCPel (2014) e técnica em Edificações pelo IFSul–Pelotas (2009). Desenvolve pesquisas sobre percepção ambiental, teoria da Gestalt e funções simbólicas do espaço, com ênfase nas relações entre forma, afeto e cultura na experiência arquitetônica. Atua de forma autônoma em projetos de arquitetura, patrimônio e paisagismo, abrangendo os âmbitos residencial, comercial e institucional. Seu trabalho busca articular abordagens fenomenológicas e simbólicas à prática projetual, explorando as dimensões sensoriais e interpretativas do espaço construído e suas ressonâncias na relação entre corpo, lugar e memória.

Master in Architecture and Urbanism from the Graduate Program in Architecture and Urbanism at the Federal University of Pelotas – UFPel (2020), with a concentration in Architecture, Heritage, and Urban Systems. Dissertation: From concept to form: a look through the lens of Gestalt and geometry at the design of the Dresden Military Museum. Architect and urban planner graduated from UCPel (2014) and certified Building Technician from IFSul–Pelotas (2009). Her research focuses on environmental perception, Gestalt theory, and the symbolic functions of space, emphasizing the relationships between form, affect, and culture in architectural experience. She works independently on architecture, heritage, and landscape projects across residential, commercial, and institutional scales. Her work seeks to integrate phenomenological and symbolic approaches into design practice, exploring the sensory and interpretive dimensions of built space and their resonances in the relationship between body, place, and memory.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Máster en Arquitectura y Urbanismo por el Programa de Posgrado en Arquitectura y Urbanismo de la Universidad Federal de Pelotas – UFPel (2020), con especialización en Arquitectura, Patrimonio y Sistemas Urbanos, y la tesis – *Del concepto a la forma: una mirada a través de la Gestalt y la geometría al diseño del Museo Militar de Dresde*. Arquitecta y urbanista graduada por la UCPel (2014) y técnica en Construcción de Edificios por el IFSul–Pelotas (2009). Desarrolla investigaciones sobre percepción ambiental, teoría de la Gestalt y funciones simbólicas del espacio, con énfasis en las relaciones entre forma, afecto y cultura en la experiencia arquitectónica. Trabaja de manera independiente en proyectos de arquitectura, patrimonio y paisajismo en los ámbitos residencial, comercial e institucional. Su trabajo busca articular enfoques fenomenológicos y simbólicos en la práctica proyectual, explorando las dimensiones sensoriales e interpretativas del espacio construido y sus resonancias en la relación entre cuerpo, lugar y memoria.

nathaliagnutzmann@hotmail.com

Adriane Borda

Arquiteta e urbanista, pela Universidade Federal de Pelotas, UFPel (1983), com complementação pedagógica (UFPel, 1987), mestre em Arquitetura – Conforto Ambiental (UFRJ, 1993), doutora pela Universidad de Zaragoza, UNIZAR, Espanha (2001), com posdoutorado na KULeuven, Bélgica (2009) e UNIZAR (2020). Docente da UFRRJ (1991-94), da UFPel desde 1994, na classe de titular, desde 2018. Atua junto à FAURB e no Programa de pós-graduação da mesma faculdade (PROGRAU), desde 2011, nas áreas de geometria e tecnologias de representação gráfica e digital, projeto e patrimônio cultural. Sua pesquisa, de abordagem didática, investiga as relações entre geometrias implícitas e a produção de sentidos no processo projetual arquitetônico. Desenvolve ações extensionistas participativas, lúdicas e inclusivas, com o uso de interfaces táteis e tangíveis. Coordena e colabora em projetos de documentação, conservação e expografias de patrimônio cultural. É líder do Grupo de Estudos para o ensino-aprendizagem de gráfica digital – GEGRADI.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Architect and urban planner, graduated from Universidade Federal de Pelotas – UFPel (1983), with a teaching qualification (UFPel, 1987), Master's degree in Architecture – Environmental Comfort (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1993), and PhD from Universidad de Zaragoza – UNIZAR, Spain (2001). She completed postdoctoral studies at KU Leuven, Belgium (2009), and at UNIZAR (2020). She was a faculty member at Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ (1991–94) and has been a professor at UFPel since 1994, holding a full professorship since 2018. She teaches at the Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAURB and in its graduate program (PROGRAU) since 2011, focusing on geometry and graphic and digital representation technologies, design, and cultural heritage. Her research, with a didactic approach, investigates the relationships between implicit geometries and meaning-making in the architectural design process. She develops participatory, playful, and inclusive outreach projects using tactile and tangible interfaces. She coordinates and collaborates in projects on documentation, conservation, and exhibition design of cultural heritage. She is the leader of the Grupo de Estudos para o Ensino-Aprendizagem de Gráfica Digital – GEGRADI.

Arquitecta y urbanista, graduada por la Universidade Federal de Pelotas – UFPel (1983), con complementación pedagógica (UFPel, 1987), magíster en Arquitectura – Conforto Ambiental (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1993) y doctora por la Universidad de Zaragoza – UNIZAR, España (2001). Realizó estancias posdoctorales en KU Leuven, Bélgica (2009), y en UNIZAR (2020). Fue docente en la Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ (1991–94) y es profesora en la UFPel desde 1994, con el título de profesora titular desde 2018. Actúa en la Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – FAURB y en su Programa de Posgrado (PROGRAU) desde 2011, en las áreas de geometría y tecnologías de representación gráfica y digital, proyecto y patrimonio cultural. Su investigación, de enfoque didáctico, examina las relaciones entre las geometrías implícitas y la producción de sentido en el proceso proyectual arquitectónico. Desarrolla acciones de extensión participativas, lúdicas e inclusivas, mediante el uso de interfaces táctiles y tangibles. Coordina y colabora en proyectos de documentación, conservación y diseño expositivo de patrimonio cultural. Es líder del Grupo de Estudos para o Ensino-Aprendizagem de Gráfica Digital – GEGRADI.

adribord@hotmail.com

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Resumo

Este estudo investiga a convergência entre arquitetura e cuidado, buscando compreender como práticas sensíveis de projetar e cuidar podem gerar experiências existenciais profundas e fortalecer vínculos entre corpos, ambientes e coletivos. Parte-se da premissa de que a experiência arquitetônica não se reduz à materialidade ou à geometria, mas emerge da interseção entre corpo, mente e espaço, onde percepção, memória e cultura se entrelaçam de modo dinâmico. De forma análoga, o cuidado em saúde é abordado como um fenômeno relacional e ético, em que a escuta, a autonomia e a conexão com o ambiente e a coletividade constituem dimensões essenciais do ato de cuidar. O objetivo é analisar como a incorporação consciente de dimensões perceptivas, fenomenológicas e expressivas nos projetos e nas práticas de cuidado pode gerar fricção criativa — uma tensão produtiva entre sensibilidade e técnica que transforma a experiência cotidiana, promove pertencimento e reconecta sujeitos à Terra e aos outros. A pesquisa adota abordagem interdisciplinar, integrando teorias da percepção, fenomenologia da arquitetura e reflexões críticas sobre saúde e cuidado. O método é interpretativo-hermenêutico, articulando análise teórica de autores clássicos e contemporâneos, como Pallasmaa, Montaner, Zevi, Rasmussen, Hall e Norberg-Schulz, com perspectivas de Krenak. Os resultados apontam que práticas projetuais e de cuidado que valorizam a percepção sensível, a memória e a interação com o ambiente favorecem experiências de pertencimento e participação coletiva, fortalecendo vínculos éticos, sociais e ecológicos. Ao articular arquitetura e cuidado como sistemas vivos e interdependentes, o estudo propõe caminhos para integrar estética, ética e existência na prática contemporânea de projetar e cuidar.

Palavras-chave: Arquitetura sensível. Cuidado. Experiência. Percepção. Reexistir.

Abstract

This study investigates the convergence between architecture and care, seeking to understand how sensitive practices of designing and caring can generate profound existential experiences and strengthen the bonds between bodies, environments, and collectives. It is grounded on the premise that architectural experience is not reduced to materiality or geometry, but rather emerges from the intersection of body, mind, and space, where perception, memory, and culture dynamically intertwine. Similarly, the practice of health care is approached as a relational and ethical phenomenon in which listening, autonomy, and connection with the environment and the collective are essential dimensions of the act of caring. The objective is to analyze how the conscious incorporation of perceptive, phenomenological, and expressive dimensions in design and care practices can produce creative friction — a productive tension between sensitivity and technique that transforms everyday experience, fosters belonging, and reconnects subjects to the Earth and to one another. The research adopts an interdisciplinary approach, integrating theories of perception, architectural phenomenology, and critical reflections on health and care. The method is interpretative-hermeneutic, combining theoretical analyses of classical and contemporary authors such as Pallasmaa, Montaner, Zevi, Rasmussen, Hall, and Norberg-Schulz with perspectives from Krenak. The results indicate that design and care practices valuing sensitive perception, memory, and interaction with the environment foster experiences of belonging and collective participation, reinforcing ethical, social, and ecological bonds. By articulating architecture and care as living and interdependent systems, the study proposes pathways to integrate aesthetics, ethics, and existence within contemporary practices of design and care.

Keywords: Care. Experience. Memory. Perception. Re-exist. Sensitive architecture.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Resumen

Este estudio investiga la convergencia entre arquitectura y cuidado, buscando comprender cómo las prácticas sensibles de proyectar y cuidar pueden generar experiencias existenciales profundas y fortalecer los vínculos entre cuerpos, entornos y colectivos. Parte de la premisa de que la experiencia arquitectónica no se reduce a la materialidad o la geometría, sino que emerge de la intersección entre cuerpo, mente y espacio, donde la percepción, la memoria y la cultura se entrelazan de manera dinámica. De forma análoga, el cuidado en salud se aborda como un fenómeno relacional y ético, en el que la escucha, la autonomía y la conexión con el entorno y la comunidad constituyen dimensiones esenciales del acto de cuidar. El objetivo es analizar cómo la incorporación consciente de dimensiones perceptivas, fenomenológicas y expresivas en los proyectos y las prácticas de cuidado puede generar una fricción creativa —una tensión productiva entre sensibilidad y técnica— que transforma la experiencia cotidiana, promueve el sentido de pertenencia y reconecta a los sujetos con la Tierra y con los demás. La investigación adopta un enfoque interdisciplinario, integrando teorías de la percepción, la fenomenología de la arquitectura y reflexiones críticas sobre la salud y el cuidado. El método es interpretativo-hermenéutico y articula el análisis teórico de autores clásicos y contemporáneos como Pallasmaa, Montaner, Zevi, Rasmussen, Hall y Norberg-Schulz con las perspectivas de Krenak. Los resultados indican que las prácticas proyectuales y de cuidado que valoran la percepción sensorial, la memoria y la interacción con el entorno favorecen experiencias de pertenencia y participación colectiva, fortaleciendo los vínculos éticos, sociales y ecológicos. Al concebir la arquitectura y el cuidado como sistemas vivos e interdependientes, el estudio propone caminos para integrar la estética, la ética y la existencia en la práctica contemporánea de proyectar y cuidar.

Palabras clave: Arquitectura sensible. Cuidado. Experiencia. Percepción. Resistir.

Introdução

A experiência arquitetônica envolve não apenas a materialidade dos elementos ou a geometria formal, mas também as interações entre corpo, mente e ambiente, integrando percepção, memória e contexto cultural. Arquitetura e cuidado, como fenômenos relacionais, não apenas coexistem — constroem-se mutuamente, ativando sentidos, afetos e ambiências. A pergunta central desta pesquisa é: **como a percepção e a experiência sensível podem ser articuladas na arquitetura e na prática de cuidado para gerar pertencimento e conexão coletiva?**

O objetivo geral é explorar a convergência entre arquitetura e cuidado, compreendendo como práticas perceptivas e expressivas de projetar e cuidar podem gerar ambiências existenciais profundas e restaurar vínculos entre corpos, ambientes e coletivos. Como hipótese, propõe-se que a integração consciente de dimensões sensíveis e fenomenológicas no espaço e no cuidado produz uma **fricção criativa**, capaz de fortalecer pertencimento, autonomia e experiência subjetiva.

Trata-se de uma abordagem interdisciplinar, que integra arquitetura, psicologia ambiental e teorias da percepção com perspectivas críticas de saúde e reexistência. A pesquisa ancora-se em revisão teórica e interpretativa, articulando contribuições de Juhani Pallasmaa, Josep Maria Montaner, Bruno Zevi, Steen Eiler Rasmussen, Edward T. Hall e Christian Norberg-Schulz, além de Ailton Krenak, no campo do cuidado e da crítica socioambiental. O percurso metodológico hermenêutico-fenomenológico privilegia a interpretação de conceitos e textos à luz de experiências culturais e sensíveis, buscando princípios aplicáveis ao projeto arquitetônico e à construção de modos de vida sustentáveis e sensíveis.

Essa abordagem responde a um diagnóstico contemporâneo amplamente reconhecido: a crescente desconexão entre sujeitos, espaços e coletivos, marcada por alienação sensorial, instrumentalização dos corpos e mercantilização da saúde e do ambiente construído. Esse processo enfraquece experiências de pertencimento e empobrece a relação corpo-lugar, resultando em espaços tecnicamente eficientes, mas destituídos de sentido, e práticas de cuidado reduzidas a protocolos desumanizados. Tensionar essas dinâmicas torna-se, portanto, essencial para resgatar modos mais sensíveis e éticos de habitar e cuidar.

A hipótese se justifica pela potência das abordagens perceptivas e simbólicas para religar corpo, espaço e experiência. Ao articular referências arquitetônicas e críticas, propõe-se a fricção criativa como categoria conceitual e operativa, capaz de evidenciar dimensões simbólicas da realidade construída e orientar práticas projetuais. Essa coerência entre diagnóstico, fundamentação e aplicabilidade confere pertinência à investigação.

O campo de aplicação alcança tanto a teoria quanto a prática: propõe caminhos para arquitetos, urbanistas e profissionais de saúde interessados em integrar percepção, cultura, corpo e ecologia em seus projetos. Os conceitos de espaço, lugar, percepção, memória e fricção criativa assumem função instrumental, orientando estratégias projetuais e de cuidado.

Como limitações, destaca-se a natureza teórica da pesquisa, sem estudos empíricos, e a restrição a contextos culturais específicos abordados nas fontes. Ainda assim, o percurso traçado contribui para a compreensão da ambiência arquitetônica e do cuidado, fornecendo base para futuros estudos sobre pertencimento, percepção e práticas de habitar.

Sentir o Invisível: Percepção e Gestalt no diálogo entre corpo, mente e espaço

Perceber não é apenas ver — é ser afetado. Cada estímulo que nos atravessa — um som, uma textura, a luz sobre uma parede — convoca corpo e mente a participarem de uma ambiência compartilhada. A percepção é um fenômeno dinâmico, relacional e interpretativo, em que estímulos externos, estruturas cognitivas, repertórios culturais e experiências afetivas entrelaçam-se na produção de sentido. É nesse território sensível que a arquitetura pode ser compreendida como campo de experiência e significação.

Para compreender profundamente esse fenômeno, é preciso reconhecer que a experiência perceptiva nasce nos sentidos, mas não se esgota neles. Como lembra Vladimir Fernandes (2007, p. 59), retomando Immanuel Kant, “o sujeito não percebe o real em sua totalidade, mas constrói sua experiência a partir de um jogo entre a sensibilidade e o entendimento”. Em outras palavras, perceber é interpretar.

Edward T. Hall (1977) aprofunda essa compreensão ao destacar que a percepção envolve tanto os receptores à distância — visão, audição, olfato — quanto os receptores imediatos — tato e sensações corporais. Para a arquitetura, essa distinção é crucial: a experiência espacial é, antes de tudo, tátil. Essa dimensão corporal é precisamente o que observa Juhani Pallasmaa (2011, p. 15)¹, “a arquitetura fortalece a experiência existencial, não através da retórica visual, mas por meio do tato, da atmosfera e da materialidade”. Antes de pensar, sentimos; antes de nomear, experienciamos. O espaço age sobre nós de forma sutil e profunda.

É nesse terreno que se insere a teoria da Gestalt, cuja principal contribuição foi a visão integradora e o rompimento com a fragmentação cartesiana. “O todo é diferente da soma de suas partes” (Wolfgang Köhler, 1980, p. 33)² — essa frase clássica sintetiza uma virada epistemológica. A percepção, para a Gestalt, é apreensão de totalidades significativas: formas, volumes, luzes e sons são organizados de modo espontâneo pelo sistema perceptivo humano, que busca coerência, equilíbrio e continuidade.

Kurt Koffka (1975, p. 45)³ aprofunda essa noção ao diferenciar estímulos proximais e distais, afirmando que “o que percebemos não são os estímulos em si, mas a estrutura que emerge da relação entre eles”. Assim, o espaço não é simplesmente visto ou medido: ele é vivido, estruturado no encontro entre corpo e ambiente. A Gestalt propõe uma abordagem que envolve a relação entre forma e experiência.

Essa interrelação entre corpo e espaço é também retomada por Christian Norberg-Schulz ao introduzir a noção de *genius loci*. “Habitar significa identificar-se com um lugar”, escreve o autor (Norberg-Schulz, 1980, p. 5)⁴, “significa tornar-se parte de uma ordem significativa e acolhedora”. Lugar, portanto, não é apenas uma coordenada física, mas uma construção simbólica e sensorial. Ele emerge do encontro entre o espaço construído e a experiência perceptiva do sujeito.

1 *The Eyes of the Skin: Architecture and the Senses*, 1ª ed., 1996, de Juhani Uolevi Pallasmaa — arquiteto, professor, ensaísta e teórico finlandês. O ensaio é uma crítica fundamental à arquitetura baseada no espetáculo visual, lançado no auge da cultura da imagem e da mídia digital.

2 *Gestalt Psychology*, 1ª ed., 1929, de Wolfgang Köhler (1887–1967) — psicólogo alemão. Estabeleceu essa corrente como alternativa ao Estruturalismo e ao Behaviorismo de sua época. A obra se insere na efervescência intelectual da Alemanha pré-nazista, em um período de crítica às abordagens mecanicistas.

3 *Principles of Gestalt Psychology*, 1ª ed., 1935, de Kurt Koffka (1886–1941) — psicólogo alemão. A obra consolida e expande as bases teóricas da Gestalt.

4 *Genius Loci: Towards a Phenomenology of Architecture*, 1ª ed., 1979, de Christian Norberg-Schulz (1926–2000) — arquiteto, autor, educador e teórico norueguês. A obra surge como resposta à crise do Modernismo tardio, resgatando a fenomenologia para valorizar a identidade do lugar.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Essas perspectivas convergem na obra de Josep Maria Montaner, que propõe compreender a arquitetura não como produto final, mas como processo vivo. Para ele, “a arquitetura deixa de ser uma máquina funcional ou uma escultura formal para tornar-se experiência sensível” (Montaner, 2023, p. 18)⁵. A percepção é, aqui, um instrumento projetual, capaz de ativar vínculos emocionais e éticos entre corpo e espaço. Ao projetar, não se trata apenas de desenhar formas, mas de criar atmosferas, campos perceptivos e possibilidades de existência — nas quais forma, luz, som, materialidade e atmosfera operam conjuntamente.

Esse deslocamento teórico enfatiza a relevância da percepção no processo projetual contemporâneo. Sentir o invisível significa reconhecer que o espaço habita antes no corpo que nas plantas, antes no gesto que na estrutura. A arquitetura torna-se linguagem silenciosa, escrita com luz, matéria e ressonâncias — não há espaço habitado sem corpo presente; não há percepção sem relação. Como sintetiza Pallasmaa (2011, p. 9), “a arquitetura não se experimenta como uma série de imagens isoladas, mas como uma fusão de mundo interior e exterior”.

Essa concepção é particularmente potente em tempos em que a hiperfuncionalização e a estetização superficial ameaçam reduzir a arquitetura a mercadoria. Ao devolver à percepção seu papel central, reinscreve-se o valor da ambiência vivida no ato de projetar. O espaço pode ser compreendido não apenas como utilitário, mas como campo de interação e memória. Nesse contexto, “sentir o invisível” significa reconhecer que a experiência do lugar envolve dimensões sutis e imateriais, muitas vezes não redutíveis à mensuração.

Em síntese, entender a percepção através da Gestalt significa restaurar a dimensão sensível da arquitetura. A forma deixa de ser fim e passa a ser meio; a técnica, longe de ser negada, ganha densidade ao se articular com memória, cultura e afeto. Corpo e espaço deixam de ocupar polos opostos e tornam-se campos indissociáveis de uma mesma experiência. A percepção pode ser compreendida como uma linguagem interpretativa do mundo.

Onde o espaço se faz Lugar: Corpo e experiência na materialidade

Imagine percorrer um espaço não apenas com os olhos, mas com todos os sentidos, permitindo que corpo, mente e memória revelem o que está latente no ambiente. Compreender a arquitetura exige justamente ultrapassar a lógica geométrica e adentrar o território da experiência, onde percepção, memória e corpo se entrelaçam para dar sentido ao espaço.

Como discutido na seção anterior, projetar de forma consciente implica reconhecer que a percepção não é imediata, mas um processo relacional entre estímulos sensoriais, repertórios culturais e interpretação cognitiva (Fernandes, 2007; Hall, 1977; Koffka, 1975). Cada edifício ou ambiente se constitui como um campo de experiências, no qual sentidos, memória e mente dialogam com o mundo construído.

Bruno Zevi (2017, p. 53)⁶ reforça essa dimensão ao afirmar que “entender a história da arquitetura é, em essência, compreender a história da civilização”, pois a arquitetura

⁵ *La Modernidad Superada*, 1ª ed., 1997, de Josep Maria Montaner — arquiteto, professor e teórico catalão. O livro se insere no debate do Pós-Modernismo do final do século XX, propondo uma agenda focada na diversidade cultural e na sustentabilidade.

⁶ *Saper Vedere l'Architettura*, 1ª ed., 1948, de Bruno Zevi (1918-2000) — arquiteto, historiador e crítico italiano. Publicado no imediato pós-guerra italiano, o livro é um manifesto em defesa de uma arquitetura orgânica e democrática, criticando a estética fascista.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

responde a diferentes exigências humanas e culturais, inscrita no tempo como expressão estética, política e social, e refletindo as “personalidades criadoras” que a concebem. Carneiro e Lipai (2011) complementam, observando que ciência, técnica e arte não bastam: é necessário sensibilidade para acessar as nuances da experiência humana.

Umberto Eco (2019)⁷ propõe que, da tríade vitruviana — *venustas, firmitas e utilitas* — a última, *utilitas*, pode ser expandida para abarcar dimensões subjetivas da necessidade, incluindo emoções, percepções e experiências, deslocando a arquitetura de um campo meramente técnico para um domínio fenomenológico e expressivo. Pallasmaa (2018, p. 27)⁸ enfatiza que as edificações “também são amplificadoras de emoções”, funcionando como mediadoras entre o espaço físico e a experiência sensorial, evocando e projetando sentimentos de volta ao corpo. Steen Eiler Rasmussen (2002, p. 29) compara o arquiteto a um produtor teatral, responsável por conceber cenários que moldam a experiência da vida cotidiana, observando que a arquitetura, assim como um adereço cênico, possui capacidade de transmitir “espírito” e significado (Rasmussen, 2002, p. 31)⁹.

Josep Maria Montaner (2023, p. 30) aprofunda a distinção entre espaço e lugar, observando que “o espaço é abstrato, quantitativo e geométrico, enquanto o lugar é definido por substantivos, pelas qualidades das coisas e dos elementos, pelos valores simbólicos e históricos”. Reforça, ainda, que o lugar “não é apenas um espaço habitável, mas um espaço experienciável” (Montaner, 2023, p. 33), onde corpo, percepção e memória interagem, e a ambiência se materializa em sensações e significados. Ele ainda enfatiza: “A arquitetura transforma o espaço em lugar, criando condições para que as experiências humanas se realizem, sejam compreendidas e vividas” (Montaner, 2023, p. 37). Essa concepção dialoga com a fenomenologia de Norberg-Schulz (1980), para quem o “espírito do lugar” conecta o homem ao mundo, conferindo sentido à existência humana por meio da arquitetura. Montaner (2023, p. 41) complementa, ressaltando que “o lugar resulta de uma síntese entre elementos físicos, culturais e simbólicos; é a experiência que lhe confere sentido”.

Assim, sentir a arquitetura implica perceber como ela nos envolve, nos conduz e nos comunica. Rasmussen (2002, p. 32) sublinha a importância de experimentar os espaços, perceber luz, textura e acústica — desde a reverberação intensa de uma catedral até o silêncio acolhedor de um aposento íntimo. Pallasmaa (2018) observa que texturas, densidades e temperaturas estruturam a forma como habitamos e reconhecemos um lugar, reforçando a ideia de Montaner de que “a percepção sensorial é inseparável da construção do lugar” (Montaner, 2023, p. 35). Esse entrelaçamento integra estímulos proximais e distais, de acordo com a teoria da *Gestalt* (Koffka, 1975; Köhler, 1980), promovendo experiências complexas nas quais sensação, cognição e contexto se complementam.

Montaner (2023, p. 44) ainda destaca que “o lugar é um fenômeno vivo, construído a partir da interação entre corpo, memória e história”, capaz de transformar o cotidiano em experiência sensível, na qual história, cultura e identidade se tornam tangíveis. Schulz (1980) reforça que o *genius loci* permite que espaços se tornem lugares, conectando indivíduo, memória e contexto social. Zevi (2017, p. 58) complementa que a arquitetura se entrelaça com a história da civilização, refletindo contextos sociais, culturais e afetivos.

⁷ *La Struttura Assente*, 1ª ed., 1968, de Umberto Eco (1932–2016) — escritor, filósofo, semiólogo e professor italiano. Inserida no auge do Estruturalismo e da Semiótica, a obra apresenta uma crítica aos sistemas de signos e às metodologias de análise das manifestações culturais.

⁸ Compilação de ensaios publicados originalmente entre 2007 e 2017, reunindo reflexões teóricas e filosóficas sobre percepção, linguagem e cultura no campo arquitetônico e urbano.

⁹ *Om at Opleve Arkitektur*, 1ª ed., 1957, de Steen Eiler Rasmussen (1898–1990) — arquiteto, urbanista e professor dinamarquês. A obra se insere na tradição escandinava do design funcional e humanista, buscando desviar o foco da arquitetura do formalismo para a experiência do usuário.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Assim, ao articular as reflexões de Montaner, Pallasmaa, Rasmussen, Norberg-Schulz e Zevi, compreende-se que o corpo atua como mediador entre arquitetura e experiência humana. Lugar não é apenas espaço físico, mas um fenômeno vivo, no qual corpo, história e cultura se encontram, e onde a experiência se materializa em sensações, afetos e sentidos compartilhados. Montaner (2023, p. 46) conclui: “O espaço se faz lugar quando a experiência humana e a percepção sensorial encontram na arquitetura sua expressão concreta”. A arquitetura, nesse sentido, torna-se um campo sensível de relações e vivências, capaz de transformar percepção cotidiana em experiência existencial profunda.

A memória do lugar: O papel da arquitetura na preservação do tempo e do significado cultural

Se, na reflexão anterior, investigamos como o espaço se faz lugar — como o corpo encontra a história e a experiência se materializa —, torna-se necessário abordar uma dimensão mais complexa e significativa: a da arquitetura como guardiã da memória. Ao longo do tempo, os espaços que habitamos tornam-se repositórios de ambiência, sensibilidades e gestos que se inscrevem na matéria. A pedra, o tijolo, a madeira e o vazio não apenas estruturam formas; eles incorporam vestígios de usos, práticas e ocupações ao longo do tempo. Como lembra Pallasmaa (2018, p. 16), “somos o que lembramos” — e é justamente nesse jogo entre lembrar e habitar que a arquitetura se afirma como uma linguagem de sedimentação da experiência humana. A memória não habita apenas a mente, mas infiltra-se nas superfícies, na textura do espaço, nas atmosferas que nos envolvem, tornando-se tangível na relação entre corpo e lugar.

Essa dimensão experiencial não se reduz à materialidade ou à geometria formal. Ela se manifesta nos interstícios: no silêncio experienciável de um pátio interno, na luz que atravessa uma janela ao entardecer, na reverberação que devolve ao corpo a presença de outros corpos. O lugar reflete interações passadas e presentes, registrando a ocupação de diferentes usuários ao longo do tempo. A arquitetura, nesse sentido, não é apenas estrutura funcional ou abrigo físico, mas um campo de inscrição de práticas, gestos e narrativas. Ao habitar, não ocupamos simplesmente um espaço — nós nos inserimos em uma história que já começou antes de nós e que continuará depois.

Rasmussen (2002, p. 9) observa que “aquilo que pode ser perfeitamente correto e natural num meio cultural pode facilmente estar errado em outro”. Essa afirmação sublinha a impossibilidade de dissociar a arquitetura de seus contextos culturais e históricos. Cada gesto arquitetônico é também um gesto de escuta: um modo de reconhecer paisagens, modos de vida e memórias coletivas. O ato de projetar torna-se, assim, um exercício de sintonia com aquilo que precede e ultrapassa o projetista — um exercício que envolve considerações éticas sobre pertencimento e responsabilidade na prática projetual. Hall (1977, p. 78)¹⁰ complementa esse entendimento ao afirmar que “uma das principais funções do artista (arquiteto) é ajudar o leigo a ordenar seu universo cultural”. A arquitetura se coloca, portanto, como mediadora entre experiência e cultura, entre práticas cotidianas e estrutura simbólica, organizando modos de percepção e de vida.

¹⁰ *The Hidden Dimension*, 1ª ed., 1966, de Edward T. Hall (1914–2009) — antropólogo norte-americano e pioneiro nos estudos de comunicação intercultural. O livro surge no período pós-guerra e da Guerra Fria, quando o interesse pelos estudos de comunicação e pela antropologia cultural estava em alta.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Essa mediação é complexa e exige da arquitetura um equilíbrio entre racionalidade e intuição. Montaner (2023, p. 24) sustenta que projetar é “conciliar contrários”, unindo precisão e flexibilidade interpretativa. Para ele, aqueles que transformam o futuro são os que compreendem o passado, pois suas criações “incorporam-se ao sentido do que já existia” (Montaner, 2023, p. 18). Isso significa que cada intervenção, ainda que contemporânea e inovadora, se inscreve em uma cadeia de significados sedimentados, estabelecendo diálogos invisíveis com formas, práticas e atmosferas que a precedem. A arquitetura, nesse sentido, integra dimensões contemporâneas e heranças históricas.

Pallasmaa (2011, p. 67) identifica nessa qualidade o que chama de “função atemporal da arquitetura”: a capacidade de criar “metáforas existenciais para o corpo e para a vida”. Essa função não se realiza por meio de discursos, mas pela própria presença sensível da obra construída, que envolve o corpo, desperta memórias e provoca estados de atenção. Os espaços, ao refletirem experiências acumuladas, situam os usuários em diferentes temporalidades históricas. Ao caminhar sobre um piso gasto, tocar uma superfície polida pelo tempo ou sentir a luz filtrada por estruturas antigas, o corpo reconhece camadas de existência que não são suas, mas que passam a habitá-lo.

Quando se entende a arquitetura como linguagem expressiva, Montaner (2023, p. 69) destaca que “o problema da expressão constitui um fator que está no centro de todo o mecanismo arquitetônico”. A expressividade não se limita ao gesto formal ou ornamental: ela emerge da relação entre intenção, materialidade, técnica e contexto. A história da arquitetura, como bem ressalta o autor, é uma sucessão de respostas à questão da expressão — respostas que refletem valores, percepções e modos de vida de cada tempo e cultura. Mesmo os gestos modernos de simplificação formal e recusa de ornamentos não são neutros: são estratégias expressivas que afirmam ideologias, sensibilidades e formas de estar no mundo (Montaner, 2003, p. 75).

Nesse sentido, a arquitetura fala — por presença, por ausência, por densidade, por silêncio. Cada material contém vestígios históricos e culturais; cada vazio apresenta possibilidades de uso e interpretação. O espaço não é apenas cenário, mas agente ativo na construção de significados. Pallasmaa (2018, p. 27) lembra que os edifícios “também são amplificadores de emoções”, capazes de evocar lembranças e sentimentos, e de criar uma continuidade afetiva entre corpo, espaço e tempo histórico. Essa amplificação não se dá por imposição, mas por sutileza: pelas qualidades atmosféricas que aderem à experiência de estar.

Rasmussen (2002, p. 32) enfatiza a importância de vivenciar os espaços: sentir a luz, a textura, a acústica — desde a reverberação intensa de uma catedral até o silêncio acolhedor de um aposento íntimo. A percepção não é uma operação neutra: é uma forma de reconhecimento sensível, de incorporação de camadas históricas e culturais. O corpo, mediador e tradutor dessa experiência, registra não apenas formas e funções, mas atmosferas e temporalidades. Assim, a arquitetura torna-se depositária de vínculos que ultrapassam o tempo presente e tece uma rede de significações que nos ancora e orienta no mundo.

Ao reconhecer essa potência da arquitetura — sua capacidade de guardar memórias, expressar símbolos e evocar sentidos —, ampliamos também o horizonte de responsabilidade projetual e ética. Projetar, conservar ou intervir passa a significar participar ativamente da tessitura de narrativas que estruturam a experiência humana no tempo. No lugar, cada cuidado, cada gesto projetual consciente carrega consigo o potencial de fortalecer vínculos, recompor relações e abrir brechas de reconexão entre corpo, comunidade e ambiente.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Por fim, entender a arquitetura como linguagem expressiva e depositária de memórias é entender também que ela opera na intersecção entre experiência estética, ética e existencial. Ela não apenas abriga, mas afeta; não apenas estrutura, mas comunica; não apenas registra o passado, mas o reinscreve no presente, contribuindo para práticas de habitar que promovam maior atenção às relações sociais e ao ambiente. É nesse entrelaçamento entre memória, corpo e espaço que se abrem caminhos para resistir à fragmentação contemporânea — e para cultivar outras formas de habitar e cuidar.

Arquitetura como reexistência: Saúde e ecologia na ação projetual

Ao chegar a este ponto da reflexão, considera-se que a arquitetura, enquanto depositária de memórias, integra uma rede de interdependências que envolve corpos, territórios e modos de habitar. Se antes falamos da arquitetura como guardiã da memória, agora é preciso entender que cuidar de um lugar implica também considerar os impactos sobre os indivíduos e coletividades que o ocupam. O gesto de projetar ou conservar não é neutro: é político, ético e ecológico. De forma análoga, saúde e arquitetura não devem ser compreendidas exclusivamente como produtos de mercado. Ambas — saúde e espaço — compõem um mesmo organismo vivo, inseparável do tecido social e da experiência sensível.

Nessa direção, a reflexão proposta por Ailton Krenak desafia frontalmente o paradigma dominante de saúde como mercadoria. Krenak denuncia o distanciamento entre o humano e a Terra, lembrando que “nós nos acostumamos a pensar a saúde como alguma coisa que vem de fora, um remédio, uma instituição, um sistema, e esquecemos que a saúde está no modo como a gente vive” (Krenak, 2020, p. 42)¹¹. Essa ruptura entre corpo e mundo, entre cuidado e existência, sustenta uma lógica perversa que transforma o viver em consumo e a natureza em estoque de recursos — afastando o cuidado de sua dimensão cotidiana, comunitária e ambiental.

Nesse mesmo horizonte crítico, Krenak (2020, p. 59) afirma: “Cuidar não é um ato isolado; é uma prática que envolve o chão que pisamos, a água que bebemos e a relação que estabelecemos com todas as formas de vida”. A saúde, portanto, não é um serviço, mas uma relação ética e ativa com o ambiente. Essa concepção ressoa com o que discutimos sobre arquitetura: assim como o cuidado não é uma mercadoria, o espaço habitado também não pode ser reduzido a um produto imobiliário. Saúde e arquitetura enfrentam o desafio de promover vínculos entre corpos, coletividades e territórios, em oposição a processos que privilegiam a apropriação ou exploração.

Essa reconexão exige empatia e presença sensível. Juhani Pallasmaa (2011, p. 12) afirma que “o trabalho criativo exige identificação corporal e escuta sensível do mundo”. O arquiteto que ignora essa dimensão produz edifícios que não respondem ao seu entorno, assim como sistemas de saúde que ignoram vínculos comunitários produzem corpos desencaixados de suas ecologias. Ao contrário, arquitetura e saúde podem se encontrar na escuta: uma prática atenta às atmosferas, à materialidade dos lugares, às histórias inscritas na terra e nos corpos.

¹¹ Ailton Alves Lacerda Krenak — líder indígena, ambientalista, filósofo e escritor brasileiro da etnia Krenak. Defende os povos originários e critica o modelo de desenvolvimento ocidental e a separação entre humanidade e natureza. Sua trajetória se consolida nas mobilizações indígenas e socioambientais após a Constituição de 1988, integrando o pensamento filosófico e ecocrítico contemporâneo no Brasil.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

A perda dessa relação — seja no campo do cuidado, seja no campo do espaço — manifesta-se como uma patologia contemporânea. Pallasmaa (2011, p. 17) alerta para “a anestesia dos sentidos” e a “perda da tatilidade” como sintomas de uma cultura que desloca o humano de sua experiência sensível e local. O mesmo distanciamento que transforma o cuidado em mercadoria também transforma o espaço em produto descartável, desprovido de vínculos. Esse afastamento, como observa Krenak (2019, p. 27), “adoece o corpo e o lugar, porque rompe a dança que nos mantinha vivos com a Terra”.

Bruno Zevi reforça essa conexão ao afirmar que o conteúdo essencial da arquitetura é social e humano. “A arquitetura existe quando o espaço é vivido, quando é apropriado por corpos que se movem e se relacionam” (Zevi, 2017, p. 49). Em outra passagem, destaca que “a escala humana é a medida de todo espaço habitável” (Zevi, 2017, p. 189). O cuidado, de modo análogo, só existe quando vivido e compartilhado — quando deixa de ser um ato técnico e se torna experiência comum, uma trama de relações entre sujeitos e mundos. A saúde e a arquitetura, portanto, manifestam o objetivo comum de promover modos de habitar que considerem relações sociais e culturais, além de finalidades utilitaristas.

Essa crítica também atravessa a dimensão ecológica. Montaner (2023, p. 148) analisa como, desde o Renascimento, a incorporação da luz natural e do vidro representou uma tentativa de integrar arquitetura e natureza, criando espaços mais saudáveis e sensoriais. Entretanto, ele adverte que a arquitetura contemporânea, ao adotar fachadas de vidro desprovidas de sensibilidade climática, “perdeu a escuta ambiental” (Montaner, 2023, p. 152). Ao negligenciar orientação solar, desempenho energético e conforto ambiental, produz-se um paradoxo: espaços que parecem abertos à paisagem, mas que negam a ecologia do lugar e reforçam a alienação humana.

Montaner (2023, p. 154) propõe “uma arquitetura baseada na ecologia do construído, em ambientes saudáveis e transformáveis, que considere o espaço como matéria essencial — tanto o vazio interior, à escala do corpo, quanto o vazio exterior, da vida coletiva”. Essa concepção dialoga com Krenak (2020, p. 88), ao lembrar que “reconectar-se à Terra é uma necessidade vital”. Em ambos, a arquitetura e o cuidado emergem como práticas de resistência à mercantilização, pautadas pela interdependência e pela regeneração.

A mercantilização da vida — seja na saúde, seja no espaço urbano — reforça a separação entre corpo e ambiente. Nas práticas de cuidado, essa lógica tende a transformar a saúde em serviço e a restringir a autonomia dos sujeitos sobre seus corpos e territórios. De modo semelhante, quando a arquitetura é reduzida a ativo financeiro, perde-se a dimensão sensível e relacional do habitar. Tal desconexão enfraquece experiências e compromete a vitalidade dos ecossistemas sociais e ambientais.

Conectar essas reflexões implica reconhecer que saúde e arquitetura devem ser compreendidas como sistemas vivos de relações, e não como produtos ou serviços. O cuidado e o projeto exigem práticas sensíveis, atenção, tempo e afeto. Ambos operam na dimensão do cotidiano — nas formas de viver, nos rituais coletivos, na experiência direta com o ambiente. Quando Krenak (2020, p. 72) afirma que “o futuro não é uma mercadoria”, ele nos lembra de que cuidar é reexistir: habitar o presente com responsabilidade, recriando vínculos que sustentam a vida em comum.

Por fim, ampliar a ideia de cuidado para além do corpo individual, incorporando ecologias afetivas e espaciais, é também um gesto de resistência e imaginação política. Cuidar é habitar — e habitar é reexistir. Arquitetura e saúde, quando compreendidas como práticas integradas, revelam-se instrumentos potentes para regenerar vínculos e construir modos de vida menos fragmentados. Esse movimento, porém, não se esgota na formulação teórica: requer práticas concretas, experimentações e reflexão crítica sobre as estruturas que organizam a vida coletiva.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

É a partir dessa tessitura sensível e política que se abre a próxima etapa da reflexão: investigar como as práticas arquitetônicas e de cuidado podem, de fato, instaurar novas formas de resistência, ação coletiva e imaginação compartilhada — caminhos possíveis para reinventar modos de vida diante da mercantilização contemporânea.

Discussão

Após atravessar as camadas de percepção, memória e expressão simbólica apresentadas nas seções anteriores, torna-se possível compreender que corpo, espaço e cuidado operam como dimensões interdependentes, não como instâncias isoladas. É nesse ponto de convergência que se manifesta a fricção criativa: uma tensão produtiva que desestabiliza automatismos, ativa percepções e abre espaço para formas mais complexas de relação entre sujeito e ambiente. Essa tensão não deve ser interpretada como um obstáculo, mas como um elemento que contribui para o desenvolvimento de experiências arquitetônicas e de cuidado mais integradas e contextualizadas.

Na prática arquitetônica, a fricção criativa emerge quando a escala humana, a materialidade e a atmosfera do espaço mobilizam a atenção do sujeito. A travessia de um claustro antigo evidencia que som, temperatura e silêncio influenciam a percepção do espaço e estruturam a experiência arquitetônica. Do mesmo modo, uma praça contemporânea com vegetação madura, sombras bem distribuídas e fluxo urbano ativo demonstra que a ambiência construída pode produzir pertencimento e engajamento. Em ambos os casos, o espaço deixa de ser suporte passivo para tornar-se agente ativo da experiência.

No campo do cuidado, a fricção criativa se evidencia quando se rompe com a lógica mercantil que reduz saúde a consumo. Quando práticas de saúde são contextualizadas territorial, ecológica e coletivamente, podem favorecer maior autonomia e participação. Em comunidades ribeirinhas, por exemplo, o cuidado envolve corpo, ambiente e coletividade de forma indissociável. Em centros urbanos, jardins terapêuticos e espaços de convivência ilustram como a configuração espacial pode atuar na construção de bem-estar, deslocando a ideia de saúde de um serviço para uma experiência ativa e coletiva.

Reconhecer a fricção criativa permite entender que a apropriação do espaço e as práticas de cuidado são construídas através da interação com os ambientes e com outros indivíduos. Na arquitetura, isso implica projetar ambientes que acolham múltiplos usos, temporalidades e apropriações. No cuidado, supõe reconhecer saberes locais, modos diversos de existência e práticas que não se limitam à padronização técnica. A fricção, nesse contexto, atua como mecanismo que desafia estruturas rígidas e lógicas estabelecidas, possibilitando diferentes modos de interação com o espaço.

Essa compreensão exige também uma revisão de práticas. Projetar e cuidar não podem permanecer restritos a especialistas ou a protocolos fechados: são processos que dependem de participação, negociação e construção coletiva. A reativação de edifícios patrimoniais por coletivos locais, por exemplo, demonstra como práticas espaciais podem ressignificar memórias e reconstituir vínculos urbanos. Da mesma forma, práticas de saúde territorializadas evidenciam que o cuidado se fortalece quando se enraíza em ecossistemas sociais e ambientais, não apenas em estruturas clínicas ou hospitalares.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

Há que considerar, contudo, as diferenças socioculturais, geográficas e temporais que atravessam as reflexões aqui mobilizadas. Grande parte das teorias que fundamentam este debate emergem de contextos do Norte Global e refletem experiências de modernização, reconstrução e crítica à racionalidade técnica. Ao serem revisitadas sob a perspectiva latino-americana, essas concepções ganham nova densidade, especialmente quando colocadas em diálogo com o pensamento de Ailton Krenak, que reintegra corpo e natureza em uma mesma trama existencial. Essa aproximação desloca o eixo da reflexão arquitetônica e do cuidado para uma dimensão mais plural, relacional e enraizada, na qual o habitar e o curar se tornam expressões de uma ecologia do pertencimento.

Considerações Finais

Habitar, cuidar e reexistir revelam-se como dimensões entrelaçadas. O corpo, ao inscrever-se no espaço, não apenas o ocupa: ativa-o e ressignifica-o, construindo significados compartilhados. A arquitetura, para além do aspecto técnico, manifesta-se como território sensível, histórico e ecológico, potencializando experiências de pertencimento. Do mesmo modo, o cuidado, para além da lógica biomédica e mercantil, apresenta-se como prática existencial e coletiva — gesto de reconexão entre sujeitos e territórios.

A partir dessa perspectiva, a fricção criativa surge como força que sustenta a construção das ambiências. Ela não é obstáculo, mas campo de tensão fértil entre o humano e o ambiente, entre o percebido e o sentido. É nessa fricção que corpo e espaço se reconfiguram, produzindo atmosferas vivas nas quais textura, temperatura, som e luz são expressões materiais da experiência.

A ambiência não se limita à escolha de acabamentos ou cores: inicia-se no gesto projetual, na consciência ética de cada decisão espacial, material e ambiental. Projetar uma ambiência é pensar criticamente o contexto local, cultural e ecológico — compreender que piso, som, cheiro e envelhecer dos materiais compõem uma narrativa sensorial que aproxima o corpo do tempo e da terra. Ser tátil, ser acústico, ser temporal: atributos que tornam a arquitetura viva e responsável. A escolha do material, longe da lógica de mercado, é um ato político: optar por texturas que acolhem e elementos que se integram aos ciclos naturais é escolher um modo consciente de habitar o mundo.

Essas reflexões aproximam a fenomenologia europeia — de Pallasmaa, Norberg-Schulz, Zevi e Montaner — das perspectivas ambientais do Sul Global. Há diferenças socioculturais e temporais, mas também um potencial de cruzamento entre vozes. Destaca-se, nesse diálogo, Ailton Krenak, cuja filosofia rompe com a separação entre humanidade e natureza, desafiando a arquitetura a escutar outros modos de existência e reconhecer saberes silenciados. Sua presença neste debate insere o cuidado e o projeto em uma ética da interdependência — onde corpo, espaço e Terra vibram em reciprocidade.

Pensar as ambiências é também repensar como ocupamos o mundo. Elas não são cenários, mas agentes que ativam relações sociais e ampliam o campo sensível das experiências coletivas. Ao articular percepção e experiência, fatores sensoriais e espaciais, a prática arquitetônica supera o exercício técnico e torna-se ato de escuta — uma poética de reexistência.

Percepção, lugar e reexistência: uma abordagem conceitual da fricção criativa na arquitetura

Perception, place, and reexistence: a conceptual approach to creative friction in architecture

Percepción, lugar y reexistencia: un enfoque conceptual de la fricción creativa en la arquitectura

A fricção criativa, portanto, não é um fim, mas um meio de reorientar a arquitetura e o cuidado para uma ambiência ecológica e fenomenológica — buscando princípios aplicáveis ao projeto e a construção de ambiências ecologicamente integradas.

Mais do que um fechamento, esta conclusão busca ampliar a reflexão. Reforça a necessidade de práticas projetuais e de cuidado que respondam às demandas atuais e inspirem desenvolvimentos futuros — capazes de gerar ambiências que acolham o humano e o mais-que-humano, instaurando modos de habitar que sejam, ao mesmo tempo, experiências estéticas, éticas e ecológicas.

Referências

ECO, U. **A estrutura ausente**: introdução à pesquisa semiológica. Tradução: Pérola de Carvalho. 7ª. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013. Reimpressão 2019.

FERNANDES, V. Cassier: a filosofia das formas simbólicas. In: MACHADO, N. J.; CUNHA, M. O. (Org.). **Linguagem, conhecimento, ação**: ensaios epistemologia e didática. 2ª. ed. – São Paulo: Escrituras Editora, 2007. p. 109-126.

GRUBITS, S. A Casa: Cultura e Sociedade na Expressão do Desenho Infantil. In: **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 8, num. esp., p. 97-105, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v8nspe/v8nesa12.pdf>. Acesso em: 09 Nov. 2017.

HALL, E.T. **A dimensão oculta**. [1ª. ed. original: 1966] Tradução de Sônia Coutinho. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

KOFFKA, K. **Princípios de psicologia da Gestalt**. Tradução: Álvaro Cabral. São Paulo: Editora Cultrix, 1975.

KÖHLER, W. **Psicologia da Gestalt**. Tradução: David Jardim. 2ª. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

KRENAK, A. Prefácio. In: MERHY, E. E.; MOEBUS, R. L. N. **Re-existir na diferença**. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2020. p. [10-14]. DOI: 10.18310/9786587180137.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius Loci**: Towards a phenomenology of architecture. Nova Iorque: Rizzoli, 1980.

MERHY, E. E.; MOEBUS, R.L.N. **Re-existir na diferença**. 1ª ed. Porto Alegre, RS: Editora Rede Unida, 2020. DOI: 10.18310/9786587180137.

MONTANER, J. M. **A modernidade superada**: ensaios sobre arquitetura contemporânea. 3ª. ed. rev. Tradução de Alícia Duarte Penna, Esther Pereira da Silva e Carlos Muñoz Gallego. São Paulo: Editora Olhares, 2023

PALLASMAA, J. **Essências**. Tradução: Alexandre Salvaterra. 1ª. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2018.

PALLASMAA, J. **Os olhos da pele**: a arquitetura e os sentidos. Tradução: Alexandre Salvaterra. Porto Alegre: Bookman, 2011.

RASMUSSEN, S. E. **Arquitetura vivenciada**. 2ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. Tradução: Maria Isabel Gaspar, Gaëtan Martins de Oliveira. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009 – 3ª. tiragem, 2017.

RESPONSABILIDADE INDIVIDUAL E DIREITOS AUTORAIS

A responsabilidade da correção normativa e gramatical do texto é de inteira responsabilidade do autor. As opiniões pessoais emitidas pelos autores dos artigos são de sua exclusiva responsabilidade, tendo cabido aos pareceristas julgar o mérito das temáticas abordadas. Todos os artigos possuem imagens cujos direitos de publicidade e veiculação estão sob responsabilidade de gerência do autor, salvaguardado o direito de veiculação de imagens públicas com mais de 70 anos de divulgação, isentas de reivindicação de direitos de acordo com art. 44 da Lei do Direito Autoral/1998: “O prazo de proteção aos direitos patrimoniais sobre obras audiovisuais e fotográficas será de setenta anos, a contar de 1º de janeiro do ano subsequente ao de sua divulgação”.

O CADERNOS PROARQ (ISSN 2675-0392) é um periódico científico sem fins lucrativos que tem o objetivo de contribuir com a construção do conhecimento nas áreas de Arquitetura e Urbanismo e afins, constituindo-se uma fonte de pesquisa acadêmica. Por não serem vendidos e permanecerem disponíveis de forma *online* a todos os pesquisadores interessados, os artigos devem ser sempre referenciados adequadamente, de modo a não infringir com a Lei de Direitos Autorais.

Submetido em 17/10/2025

Aprovado em 06/11/2025